

MONÓLOGO

Transgressões

Maria Julia Leite da Silva
Instituto Federal da Bahia (IFBA)
majulenet@gmail.com

O que sinto quando olho para os erros do meu passado?

Não sinto culpa nem tristeza, apenas a certeza de que nunca voltarei a conhecê-los. Como diz Provérbios 26:11: “Como o cão que volta ao seu próprio vômito, assim é o tolo que repete a sua tolice.”

Se eu pudesse voltar ao exato momento em que errei, não mudaria nada do que foi feito. Se hoje tenho consciência de como agir, é porque um dia não tive — e aprendi com isso. Aprendi que jamais devo colocar minha consciência em jogo novamente, pois o peso da consciência de um indivíduo é o que define se ele é livre ou escravo.

Escravo das próprias ações, ações que não obedecem às suas intenções. Pois, por melhor que seja a intenção do ser humano, suas ações são falhas.

Sou falha porque sou humana, sujeita a cometer todo tipo de transgressão, com um potencial real de matar, roubar, ferir e magoar. Mas o que define a bondade de alguém não é o número de erros que cometeu, e sim o número de erros que poderia cometer — e não comete. O ser que não sabe ferir não pode ser considerado inofensivo, apenas indefeso.

E se a minha consciência é o que define a minha liberdade, então errar foi a forma mais dura, porém necessária, de aprender a ser livre. Hoje, eu não temo errar, eu temo esquecer dos meus erros.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL0742-EQYK

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

25 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais